

Econ. Brasil

A volta dos pais do Cruzado...

6 AGO 1988

000109V 9

ESTADO DE SAO PAULO

Generaliza-se, no Brasil, a mania de promover seminários. Alguns, sérios e oportunos, permitem a vinda de técnicos internacionais e professores de alto nível, que nos trazem contribuições para a análise dos problemas que nos assombram. Outros, porém, são imaginosos, mesmo ridículos. Ainda agora, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), berço dos heróis do Plano Cruzado, promoveu um debate, no mínimo, fantástico ("Brasil — Século XXI"), centralizado em temas econômicos.

Neste momento de indefinição política e econômica, em que não sabemos sequer o que poderá ocorrer nos próximos meses, os dirigentes da Unicamp esbanjam preciosos recursos públicos, nós, portanto, que bem poderíamos ter sido aplicados na melhoria do ensino para discutir o século XXI! Como se não bastassem os problemas deste, ainda em 1988...

Mais curioso, porém, é que os saudosistas da Unicamp convocaram para esse debate principalmente os seus parceiros, os criado-

res do Plano Cruzado, entre os quais despontaram Luiz Gonzaga Belluzzo, e Maria da Conceição Tavares, a economista que chorou emocionada diante das câmeras de televisão... Desta vez, entretanto, ela não derramou lágrimas, pois, ao que parece, só o faz quando a inflação cai... Contida, confessou-se desencantada com as teorias econômicas e os economistas. Para a sra. Maria da Conceição Tavares não adianta fazer nada, porque nada vai dar certo...

Um dos pronunciamentos mais esdrúxulos foi o do sr. Luiz Carlos Mendonça de Barros, para quem o Brasil precisa passar pela hiperinflação para reorganizar a sua economia e o setor financeiro...

Primeiro, Mendonça de Barros tem memória curta ou sofre de amnésia: esquece-se de que foi um dos principais causadores da tremenda confusão que dominou o mercado financeiro depois do Plano Cruzado. Esse "técnico" e seus colegas mantiveram pacificamente as taxas de juros artificialmente

baixas, estimularam a especulação e deram aval a todas as barbáries econômicas impostas por Ulysses Guimarães — com o qual humildemente despachavam... — e José Sarney.

Nenhum economista pode afirmar que a hiperinflação é necessária e inevitável. Mais ainda, os pais do Cruzado, entre eles o sr. Mendonça de Barros, não têm nenhuma autoridade para também afirmar, como fizeram neste seminário de iluminados, que a negociação da dívida externa conduzida pelo sr. Mafíson da Nóbrega "é burra". Tal adjetivo — do sr. Mendonça de Barros, não nosso — melhor cabe aos que decretaram a moratória irresponsável.

Se "burros" há na administração econômica (o adjetivo, insistimos deles partiu), estavam na turma do Cruzado, integrada por esses que por aí alteiam a voz, sob o patrocínio da Universidade Estadual de Campinas.

É simplesmente lamentável que seminários dessa ordem sejam realizados com o objetivo de provocar, no momento em que o País

vive um clima de tensão, buscando reencontrar os caminhos da racionalidade econômica. Estes "economistas" que choram quando a inflação cai e defendem a hiperinflação quando estão fora do governo nada mais têm a dizer, por enquanto já fizeram tudo o que tinham de fazer, causando todos os males que poderiam emergir de suas idéias amadoras. Devem, isto sim, voltar às suas atividades privadas.

Evidentemente, qualquer universidade "rica", como é a de Campinas, pode promover os seminários que desejar reunindo os "professores" que quiser, escolhidos a dedo, e quando bem entender. Vivemos em um país livre e democrático. Todavia, esses mestres deveriam ter bom senso e o mínimo de sentido de responsabilidade para não agravar ainda mais uma situação difícil, fruto da pesada herança que jogaram sobre as espaldas do ministro Mafíson da Nóbrega, que pretende acertar e está acertando. Basta o que já fizeram de errado, pernicioso, para o País.